



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL**
CAMPUS CHAPECÓ

**Curso de Letras
Português e Espanhol**

WINISSIUS GEREMIA

**Uma proposta de inclusão escolar através do Hip-Hop na E.B.M. Victor Meirelles, em
Chapecó, SC.**

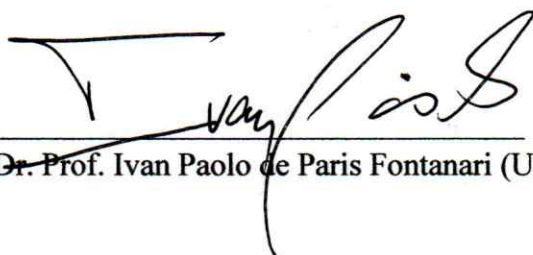
Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora prof.^a Dra. Alejandra Maria Rojas Covalski

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 04/12/2024.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dra. Angela Luzia Garay Flain (UFFS)


Prof. Dr. Prof. Ivan Paolo de Paris Fontanari (UFFS)


Prof.^a Dra. Aline Cassol Daga Cavalheiro (UFFS)

Uma proposta de inclusão escolar através do Hip-Hop na E.B.M. Victor Meirelles, em Chapecó, SC¹

Winissius Geremia

winissiusgeremia@gmail.com

RESUMO: O Hip-Hop é um movimento sócio-cultural que possui uma forte representatividade histórica, especialmente entre a população periférica e de classes baixas, que frequentemente enfrenta desafios impostos por políticas culturais hegemônicas. Nesse contexto, o Hip-Hop se destaca como uma ferramenta poderosa para desconstruir visões culturais etnocêntricas, principalmente no ambiente escolar. A prática desse movimento nas escolas pode ser uma forma eficaz de promover a identificação cultural entre os jovens, permitindo que eles compreendam, resistam e rebatem as ideias e políticas dominantes, abrindo um espaço para se tornarem visíveis. O movimento Hip-Hop oferece um espaço onde os estudantes podem se expressar de diversas maneiras, como através da música, dança e graffiti, contribuindo para a construção de um diálogo cultural significativo. Essa abordagem não apenas reconhece a diversidade de expressões culturais, mas também promove a inclusão e a interculturalidade, aspectos fundamentais para a formação de cidadãos críticos e conscientes. Assim, portanto, o Hip-Hop torna-se um instrumento educacional que possibilita aos jovens tornarem-se agentes transformadores de sua própria formação. O artigo em questão visa analisar e entender as práticas culturais relacionadas ao Hip-Hop que já estão sendo realizadas na cidade de Chapecó, além de propor novas atividades que possam ser implementadas nas escolas. A pesquisa se orienta por estudos anteriores sobre multiculturalismo e interculturalidade, buscando desconstruir a visão etnocêntrica que ainda permeia muitas políticas e práticas pedagógicas. A proposta é valorizar as diferenças culturais e promover um ambiente escolar mais inclusivo, onde todos os alunos possam se sentir representados e valorizados. Em resumo, o Hip-Hop não é apenas uma forma de arte, mas uma poderosa ferramenta de inclusão e transformação social, capaz de enriquecer a experiência educacional e promover um ambiente de respeito e diversidade nas escolas. Através dessa prática, é possível construir um espaço onde a pluralidade cultural é celebrada e onde os jovens podem se desenvolver plenamente como indivíduos e cidadãos.

PALAVRAS-CHAVE: Hip-Hop; escola pública; interculturalidade; inclusão

Introdução

Este artigo pretende mapear e promover a inclusão de alunos, por meio da prática do Hip-Hop, na escola pública E.B.M. Victor Meirelles. Para isso a pesquisa está orientada a entender como funcionam as práticas de interculturalidade no meio escolar mediante pesquisas já desenvolvidas na área para, assim, desconstruir a visão etnocêntrica da cultura em que se baseiam as políticas pedagógicas vigentes, e propor ações que valorizem as diferenças culturais através do Hip-Hop. De acordo com Candau (2005), parece consensual a necessidade de reinventar a educação escolar para que possa oferecer espaços e tempos de

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador(a) Prof(a). Dr(a). Alejandra Covalski Rojas.

ensino-aprendizagem significativos e desafiantes para os contextos sociopolíticos e culturais atuais.

Com essa finalidade, devemos compreender qual definição de cultura embasa o presente artigo. Assim sendo, utilizaremos a concepção antropológica de cultura cunhada pelo antropólogo brasileiro, Roberto da Matta, na qual ela é concebida como algo que nos ajuda a compreender melhor o que acontece no mundo ao nosso redor, abrangendo uma compreensão mais ampla das interações sociais e das configurações culturais. Neste sentido, de acordo com da Matta (1981), a cultura é percebida como um conjunto de normas que nos permite uma leitura de como o mundo pode e deve ser categorizado. Matta, de forma metafórica, nos faz pensar na cultura como uma peça de teatro, na qual não é possível prever como nos comportaremos em determinados papéis mas nos permite interpretar como se comportaram e viveram nossos antepassados. Acrescenta, também, que, apesar desse conjunto de regras serem determinadas, elas possuem uma infinita gama de possibilidades de expressão e manifestação; elas se modificam de acordo com determinadas situações, o que indica que a cultura não é estática, ela se modifica, o que nos permite compreender a diferença entre os homens e as sociedades. Entendemos a cultura como uma teia de interações que foram tecidas no passado e continuam a (re)compor-se no presente. Isso acontece com todas as relações entre sociedades e entre seres humanos. O repertório cultural que compõe cada sociedade é amplo e diverso, o que significa que assume diversas configurações, nenhuma melhor ou pior que a outra, apenas diferente. Assim, podemos falar da cultura Hip-hop, que se apresenta como um repertório cultural presente no âmbito escolar, embora escondido e silenciado pela visão etnocêntrica e hegemônica da cultura que existe dentro da escola. Neste trabalho abordaremos a cultura Hip-hop dentro da perspectiva intercultural crítica, cujo objetivo é expor as relações de poder dentro da escola, expor a postura etnocêntrica, como uma forma de desconstruir estigmas e preconceitos. Partindo desse contexto, é possível desconstruir a visão cultural etnocêntrica através da prática do hip-hop nas escolas? A resposta é sim. O Hip-Hop tem sua representatividade histórica como movimento sócio-cultural ligado à população periférica, de classes baixas, que sofrem com políticas culturais conservadoras e pouco representativas. Dessa forma, tornou-se, entre a população em idade escolar, uma importante ferramenta de identificação cultural, um campo onde ideias e políticas hegemônicas são resistidas e rebatidas. Podemos compreender tal movimento cultural como uma ferramenta inclusiva socioeducativa, com políticas de inserção em que são reconhecidas as diferentes maneiras de se expressar no mundo, assim como as práticas de pluralismo cultural nos propõem. De acordo com Ribeiro (2016), podemos

reconhecer o valor multicultural do movimento Hip-Hop como uma alternativa para gerar práticas pedagógicas significativas, possibilitando que o jovem seja o agente transformador de sua própria formação como estudante e cidadão. Portanto, tal movimento é um instrumento cultural e educacional de diálogo com o mundo, onde o jovem se sente identificado por meio de suas diversas vertentes, como a música, o graffiti, a dança, entre outras práticas relacionadas ao Hip-Hop. Em consenso com este pensamento, Álvarez e Iglesias Da Cunha dizem que:

A cultura hip hop anima a solidariedade, a cooperação e a crítica das injustiças sociais. Tanto é assim que em determinados contextos tem se transformado em ferramenta socioeducativa, gerando motivação no setor mais jovem da população, que em sua etapa vital adolescente busca definir os valores com os que querará autodefinir se individual e coletivamente. A linguagem artística do hip hop, utilizada como recurso pedagógico, permite educar na rejeição ante as injustiças que afetam as pessoas que identificamos como próximas ou distantes, assim como para declarar adesão a determinados principios éticos. (Rodríguez Álvarez & Iglesias Da Cunha, 2014, p. 175, tradução nossa)²

Pensando nesse cenário, vemos tal movimento sócio-cultural como uma possibilidade coerente para um ensino intercultural nas escolas brasileiras de modo geral, sendo que, utilizando essa linha de pensamento, Ribeiro (2016) questiona o que de tão importante é discutido e aprendido nas escolas que não possa haver espaço para ensinarmos o grafite e a dança de rua nas aulas de educação artística, ou o rap como uma produção textual nas aulas de português, por exemplo. Deste modo, percebemos então o movimento Hip-Hop como uma viabilidade intercultural potente entre os jovens em idade escolar e uma ferramenta educativa, inclusiva e de reflexão poderosa, considerando assim o que diz a pesquisadora 11 entrevistada por Ribeiro (2016, p.80), que vê o Hip-hop como uma “possibilidade de apresentar aos alunos uma produção político-cultural para se debater questões fundamentais da sociedade brasileira: racismo, violência policial, desigualdade, favelização etc.”

No presente artigo iremos contar um pouco sobre a cultura Hip-Hop, além de relatar a experiência realizada na escola e será feita uma abordagem sobre como funcionam as práticas de interculturalidade no meio escolar mediante pesquisas já realizadas na área, para assim desconstruir a visão cultural etnocêntrica em que se baseiam as políticas pedagógicas vigentes, e sugerir ações que valorizem as diferenças culturais através do Hip-Hop, assim como propor a continuidade e possível crescimento do projeto na escola Victor Meirelles,

² No original: La «cultura hip hop» anima a la solidaridad, la cooperación y a la crítica de las injusticias sociales. Tanto es así que en determinados contextos se ha transformado en herramienta socioeducativa, generando motivación en el sector más joven de la población, que en su etapa vital adolescente busca definir los valores con los que querrá autodefinirse individual y grupalmente. El lenguaje artístico del hip hop, empleado como recurso pedagógico, permite educar en el rechazo ante las injusticias que afectan a las personas que identificamos como próximas o lejanas, así como para declarar la adhesión a determinados principios éticos.

onde já foi realizado um projeto piloto em 2022.

1. O hip-hop como uma prática interculturalista inclusiva

A cultura Hip-Hop estimula, desde suas origens na cidade de Nova York, mais especificamente nas comunidades periféricas do distrito do Bronx, a luta e a resistência social, quando no início da década de 1970 muitos jovens residentes nesses locais enfrentavam uma situação complicada de desigualdade social, em que a violência era extrema, principalmente entre a população negra e latina, onde os aparelhos do governo não chegavam. Inúmeros jovens que tinham que conviver neste contexto social viam nos movimentos artísticos culturais uma maneira de se expressar e dialogar de uma forma que não fosse violenta e cuja linguagem fosse uma forma de construir uma identidade comum. Neste cenário, a cultura jamaicana tem grande influência sendo um dos pilares da formação do Hip-Hop naquela época, com as rivalidades entre as gangues passando a se afastar da violência e indo para um plano artístico.

Segundo Moassab (2008), o Hip-hop é um movimento político-cultural, caracterizado por surgir em um contexto de intensas lutas por direitos civis e políticos da população negra estadunidense. Essas mobilizações de resistência da década de 1960 tiveram fundamental importância para o que se tornaria o Hip-Hop nos anos seguintes, das quais diversas ideias e pontos de vistas puderam ser incorporadas ao movimento, visto que: “a criação do hip-hop constituiu numa resposta à violência urbana à qual as populações afro-descendentes e hispânicas foram submetidas com as transformações urbanas das cidades estadunidenses das décadas anteriores” (Moassab, 2008, p. 48). O movimento Hip-hop emerge então, e se desenvolve a partir desse cenário, juntando várias expressões artístico-culturais dos grupos étnicos discriminados e segregados, que logo tornariam-se as vertentes do movimento cultural, o *breakdance*, o *graffiti* e o *rap* (sigla para ritmo e poesia), cantado pelos *MC's* e com os discos sendo tocados pelos *DJ's*. Somado a essas bases, estão a consciência e o conhecimento, que são o quinto pilar da cultura, representando como os participantes Hip-Hop se portam dentro do movimento e diante da sociedade, refletindo tanto o compromisso social com a consciência de classe, quanto a transmissão de conhecimento por parte dos integrantes, sendo que “sem estes cinco pilares em conjunto não se pode falar em hiphop” (Moassab, 2008, p.50).

O hip-hop chegou ao Brasil na década seguinte, reproduzindo alguns traços da cultura vinda da América do Norte, mas incorporando particularidades de nossa própria cultura às práticas já existentes, reconfigurando assim o movimento e transformando-o no *hip-hop brasileiro*. O movimento emerge no Brasil na década 80 principalmente pelo intercâmbio de culturas presentes na época, sobretudo em São Paulo, onde filmes e mídias vindas dos Estados Unidos já circulavam no país e fariam grande sucesso aqui em anos posteriores. Um dos primeiros pontos de encontro do Hip-Hop no Brasil foi nas rodas de *breakdance* da estação São Bento, na região central de São Paulo, reunindo milhares de pessoas que vinham de diferentes pontos da cidade e foram de grande relevância para a dimensão que o *hip-hop brasileiro* tomou, sendo a primeira vertente do Hip-Hop a se difundir quase que nacionalmente.

O Brasil daquele momento vivia, ainda, os anos de ditadura que logo chegaria ao fim em 1985, e com a redemocratização e o fortalecimento das lutas sociais existentes, como as a favor de moradia; contra as discriminações existentes; pelas eleições diretas, entre outros, o movimento Hip-Hop entra fortemente nessa discussão, como indica Carranza, Ferraz de Siqueira e Rezende Silva (2017, p.), “é a partir de meados dos anos 1990 que um estilo de “hip hop engajado e contestatório” se consolida no Brasil”, destacando-se pelo surgimento de coletivos e espaços culturais voltados a cultura hip-hop e envolvidos com os problemas sociais que existiam naquele momento.

Desde essa década já existiam exemplos de projetos que objetivavam trabalhar com o Hip-Hop nas escolas brasileiras. Um bom exemplo dessas ações é o projeto da secretaria de educação da prefeitura de São Paulo, em 1988, secretaria esta liderada por Paulo Freire à época, chamado *Rap... pensando a Educação*, na qual alguns grupos de Rap eram inseridos no espaço escolar a fim de trabalhar junto com professores e alunos sobre as práticas do Hip-hop na sociedade, ajudando no desenvolvimento de uma consciência crítica da realidade brasileira, práticas desempenhadas no projeto, como os próprios relatos da Secretaria da Educação nos mostram:

“O caderno Rap... ensando a Educação é o resultado de um trabalho coletivo da Secretária Municipal de Educação, que acreditou na voz ativa de uma parcela da juventude, que a partir de uma leitura crítica da realidade brasileira, vem produzindo uma nova música de protesto extraída do que convencionaram chamar Sabedoria de Rua.” (Caderno de Relatos Rap...ensando a educação, 1992: 2, apud FARIA, 2017, p. 5)

Estando o próprio Freire à frente da Secretaria, podemos ver qual perspectiva educacional era empregada na sua administração, isto é, uma educação voltada à construção do senso crítico utilizando de práticas que são próximas ao estudante, inclusive partindo da realidade deles, como a teia cultural em que estão estabelecidos. As letras das músicas refletiam as diferentes situações que o país enfrentava, principalmente do povo mais desfavorecido, que sofria com racismo e com a violência policial imposta a quem vivia nos subúrbios e bairros mais afastados da cidade, mesma condição da maioria dos alunos das escolas atendidas no projeto. Segundo Faria (2017), as letras dos raps daquele período já abordavam temas como educação e sugeriam uma reavaliação da historiografia nos debates sobre questões étnico-raciais no Brasil. A proposta do projeto, então, era contribuir para uma educação libertadora do pensamento etnocêntrico imposto aos estudantes, por meio de atividades culturais relacionadas ao cotidiano deles, assim como a pedagogia libertadora que Freire defendia: “Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu eu e as suas circunstâncias.” (FREIRE, 2007, p. 30).

Ações como esta, aplicada há mais de 30 anos, nos mostram o caráter intercultural que o Hip-hop carrega desde seus primórdios no país, indo ao encontro com o que afirma Candau (2008), que afirma que a escola deve dialogar com os processos de transformação cultural que ocorrem em toda a sociedade, principalmente entre jovens e crianças, culturas essas que ajudam a moldar suas identidades. As práticas interculturais do Hip-Hop, portanto, podem ser as mais variadas possíveis, na opinião de Carranza, Ferraz de Siqueira e Rezende Silva (2017):

Hoje em dia é difícil conseguir dar conta do complexo circuito cultural do movimento hip hop e da quantidade de manifestações ligadas a ele. Rodas de rima, campeonatos de batalhas, literatura marginal, shows, produtoras independentes, MCs, DJs, etc., circulam, se relacionam, produzem e são consumidos em diferentes níveis (nacional, estadual, regional, local) e estratos sociais. (CARRANZA; FERRAZ DE SIQUEIRA; REZENDE SILVA, 2017, p. 54).

Essa variedade de manifestações ligadas ao hip-hop é um dos motivos que nos levou a realizar esse artigo. Assim, para compreender como funcionam as práticas interculturais existentes nesse meio é necessário ter um entendimento de como tais atividades atuam na inclusão social, principalmente das pessoas que vivem nas periferias. Abaixo temos um breve relato de como estas ações afirmativas contribuem para a prática da interculturalidade na

educação, uma vez que segundo a pesquisadora 2 entrevistada por Ribeiro (2016, p. 80) “O hip hop dentro da escola faz com que os jovens dialoguem com as transformações urbanas, possibilitando o enfrentamento dos problemas da periferia em uma reação positiva ao “holocausto urbano”.”

1.1. O hip-hop é a interculturalidade no chão da escola

A perspectiva intercultural vem tornando-se cada vez mais discutida como uma alternativa possível na relação conflituosa que há entre educação, cultura e inclusão, em que muitas vezes as escolas públicas não estão prontas para o choque cultural que acontece em um mundo globalizado. Tais relações conflituosas provêm de vários fatores, como um currículo rígido, frequentemente inflexível e que não reflete a diversidade cultural presente na sala de aula, reproduzindo visões hegemônicas e estereotipadas sobre determinados grupos étnicos, raciais, linguísticos ou culturais, indo na contramão do que diz a *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC, p. 193), na área de Artes, que os componentes curriculares contribuem para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, favorecendo o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. Mesmo tendo projetado isso em suas bases curriculares, o que verifica-se na prática, na maioria dos casos, é que o diálogo intercultural não se efetua realmente no âmbito escolar, onde as políticas de inclusão se distanciam da realidade dos estudantes, principalmente nos contextos periféricos.

Através deste artigo discutiremos a problemática das práticas culturais etnocêntricas e hegemônicas que as escolas reproduzem e como podemos desconstruir essas práticas por meio do Hip-Hop, pois, questões relacionadas às diferenças culturais são fonte de preocupação e polêmica, principalmente, nas escolas:

[...] culturas infantis e juvenis, entre outros, são temas que provocam diversas reações, assim como suscitam distintas iniciativas orientadas a trabalhá-las numa perspectiva de afirmação democrática, respeito mútuo, aceitação da diferença e construção de uma sociedade em que todos e todas possam ser plenamente cidadãos e cidadãs (CANDAU, 2012, p.12).

Para isso, torna-se necessário explicitar o conceito de educação intercultural que utilizaremos, que vê as diferenças entre culturas distintas como riqueza e valor e não como problema e que, segundo Candau (2016), promove processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos, conhecimentos e práticas, com o objetivo de fortalecer a justiça social,

econômica e cultural, estabelecendo políticas sociais e educacionais que unem direitos à igualdade e ao respeito pelas diferenças. Esta abordagem visa reconhecer a diversidade cultural presente nas escolas, que é composta por estudantes de diversas origens (étnica, social, cultural, de gênero), e que deve ser valorizada, como forma de desconstruir preconceitos e, assim, minimizar violências. Por isso, torna-se tão necessário promover o diálogo e a troca de saberes, refletindo criticamente sobre a própria identidade cultural e a identidade do Outro. O Hip-hop através de suas formas de expressão, pode servir como um meio de diálogo entre essas diferenças culturais, entendendo que as identidades culturais são fluidas e em constante construção, promovendo uma visão mais aberta e inclusiva das culturas. Dessa forma a comunidade escolar poderá debater criticamente as mensagens transmitidas na cultura hip-hop de forma inter, trans e (in)disciplinar, no sentido de movimento, mudança e fluidez que esses conceitos nos trazem, rompendo fronteiras disciplinares rigidamente estabelecidas. É preciso discutir questões de poder, preconceito e representação, envolvendo também toda a comunidade nesta construção, de maneira que possam ser desenvolvidos eventos culturais, feiras e até outras atividades que promovam a interação entre a escola e a comunidade.

Segundo Candau (2008), as relações culturais não são românticas, e estão atravessadas por essas questões de poder, hierarquizadas e marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos. Muitas destas questões estão, há muito, enraizadas na sociedade brasileira, refletindo e impactando nas dinâmicas sociais, políticas e econômicas que influenciam as relações entre diversos grupos culturais, como a escola. Tais dilemas, para uma educação intercultural, passam por essas questões de poder, tal qual as políticas etnocêntricas na educação, que valorizam a própria cultura em detrimento da cultura do Outro, as diferentes maneiras como diferentes grupos são representados na mídia e na cultura popular, as diferenças de classe que influenciam o acesso a recursos culturais e educacionais, o racismo institucionalizado que marginaliza grupos étnicos e culturais, afetando seu status e freando seu poder na sociedade, e também questões linguísticas que desvalorizam algumas línguas e privilegiam outras. Estas são algumas das práticas que são comuns no meio educacional, e que perpetuam relações de poder desiguais. Ainda de acordo com Candau (2008, p. 34), para o enfrentamento dessas questões, a escola tem que “ser concebida como um centro cultural em que diferentes linguagens e expressões culturais estão presentes e são produzidas.”

É precisamente essa a potência que a cultura Hip-Hop pode alcançar no chão da escola, abrir diálogo com o Outro, para que a educação possa ser inclusiva em seus mais

diferentes aspectos, a fim de que possamos, por meio das diversas linguagens do movimento Hip-Hop, trabalhar com a diversidade presente nas escolas públicas e da periferia, visto que a variedade de produções culturais que podem ser aplicadas e inseridas nas escolas são enormes em todos os aspectos. O movimento pode ser utilizado para conectar os alunos com suas experiências e realidades, promovendo um ambiente de aprendizado mais relevante e engajante, de maneira que a escola possa incentivar seus alunos a criar suas próprias letras de rap durante as aulas, explorando temas que são relevantes para suas vidas e comunidades, ou participar de batalhas de freestyle permitindo a expressão de suas identidades e vivências, promovendo suas expressões criativas. O Hip-Hop também é capaz de discutir e atuar no enfrentamento das questões sociais debatidas anteriormente, por meios culturais, incorporar essas discussões nas aulas pode ajudar os estudantes a refletirem criticamente sobre suas realidades e a desenvolverem uma consciência social crítica, criando espaços onde eles possam compartilhar e debater suas experiências com o Hip-Hop, em que fomentem um ambiente de respeito e valorização da diversidade cultural, além de promover a escuta ativa e o reconhecimento do outro. Além desses pontos, a cultura Hip-Hop é um fenômeno global que mistura diversas influências culturais, usar esse movimento para explorar a hibridização cultural pode melhorar o currículo, ajudando a promover a compreensão intercultural, como é o caso da escola Victor Meirelles, utilizando dessa perspectiva para que os estudantes possam afirmar suas identidades culturais ao invés de negá-las, Parafraseando Candau (2008), a não inclusão da cultura do outro dá margem para excluí-lo permanentemente.

2. Etnocentrismo: diferentes perspectivas

O etnocentrismo pode ser definido como o ato de qualificar a cultura do Outro a partir da ótica da cultura hegemônica, de quem olha o Outro desde sua própria perspectiva, desde um lugar de privilégio, desvalorizando a cultura alheia, levando em consideração apenas a cultura homogeneizadora como o centro ético e moral e assim menosprezar e desvalorizar outras culturas, considerando-as inferiores, desse modo, visões etnocêntricas da sociedade contribuem para intensificar o preconceito e estereótipos com grupos minoritários ao levar em consideração apenas a cultura dominante como genuína. Para Rocha (1985, p. 7), “o etnocentrismo passa exatamente por um julgamento do valor da cultura do “outro” nos termos da cultura do grupo do “eu”.”

Em um mundo cada vez mais conectado e com um fluxo maior de pessoas e confluência de ideias diversas, convivemos ainda mais com as diferenças, portanto, devemos

lutar para dar o devido valor a todas as culturas que fazem parte de nosso cotidiano, como forma de combater preconceitos e estigmas que, com certeza, geram violências e exclusões. Dessa forma, torna-se uma urgência instalar, dentro das escolas, uma educação intercultural para que possamos desconstruir essa perspectiva etnocêntrica no espaço escolar, criando uma força de resistência contra uma escola de tradição branca, conservadora, machista, onde se reafirmam, apenas, os valores da cultura oficial.

É justamente no sentido oposto a esses pontos de vista que a perspectiva intercultural se move, priorizando uma educação que reconhece o Outro, que o chama para o diálogo, promovendo o debate, o respeito e a inserção entre diversas culturas. De acordo com Carrano (2008, p. 192) as escolas tendem a ser historicamente conservadoras e mantenedoras das relações de poder assimétricas, enquanto as culturas juvenis têm o gosto pela mudança. O Hip-hop como uma dessas culturas juvenis, funciona como uma ferramenta de resgate social e apresenta-se como uma ponte entre instituições governamentais, como escolas, e seu público, trabalhando a conscientização e afirmação de sua identidade perante a sociedade em que está inserido, adquirindo um olhar crítico ao mesmo tempo que lhe dá autonomia sobre sua própria história e vivências. Para destacar essa opinião Carranza, Ferraz de Siqueira e Rezende Silva (2017) citam Canen (2007):

A partir de uma visão multicultural, a educação deve valorizar a diversidade e questionar as diferenças, superando posturas dogmáticas e questionando os modelos normativos, sem cair em dogmatismos e radicalismos que perpetuem a separação eu/outro, normal/diferente (CANEN, 2007, apud CARRANZA; FERRAZ DE SIQUEIRA; REZENDE SILVA, 2017, p. 48).

Nessa linha de raciocínio e com a intenção de repensarmos os currículos escolares, Candau afirma que:

[...] imprescindível é questionar o caráter monocultural e o etnocentrismo que, explícita ou implicitamente, estão presentes na escola e nas políticas educativas e impregnam os currículos escolares; é perguntar-nos pelos critérios utilizados para selecionar e justificar os conteúdos escolares; é desestabilizar a pretensa “universalidade” e “neutralidade” dos conhecimentos, valores e práticas que configuram as ações educativas; é introduzir na dinâmica dos currículos saberes de diversas procedências e promover o diálogo entre eles (CANDAU et al., 2014, p. 149)

As atividades vinculadas ao Hip-Hop tem por característica questionar e pôr em evidência as práticas culturais hegemônicas e conservadoras existentes no espaço escolar, como por exemplo, a estrutura física da escola, como a distribuição das carteiras em sala de aula e os murais informativos controlados pela gestão sem a colaboração dos alunos. Por esse motivo, podem desempenhar um papel fundamental nas ações interculturais em uma escola, colaborando para o desenvolvimento de um pensamento crítico nos estudantes e, nas palavras de Candau (2014), “desestruturar a suposta universalidade dos conhecimentos.” O Hip-Hop tem esse potencial para desestruturar práticas hegemônicas que não façam sentido para a comunidade escolar ou para um segmento dessa comunidade. Dessa forma, por ter potencial para interagir com diversas áreas do conhecimento é um movimento cultural indispensável na desconstrução de práticas etnocêntricas na educação, nas quais professores e alunos podem trabalhar de forma colaborativa, explorando temas sob a perspectiva intercultural na produção de poesias e músicas nas áreas de língua portuguesa, inclusive, e de forma muito rica, isso pode ser feito nas aulas de língua espanhola, como forma de ampliar o conhecimento sobre a prática do Hip-hop em países vizinhos, que possuem outra língua e outra cultura. Também é possível trabalhar colaborativamente criando grafittis, nas aulas de artes, que reflitam os anseios dos estudantes e estimulem o combate ao preconceito, por exemplo, gerando espaços de compreensão e entendimento entre pessoas de origens diversas, fortalecendo as ligações sociais, promovendo a inclusão e a diversidade e desconstruindo o pensamento etnocêntrico.

3. Relatos de uma experiência com hip-hop na escola

Esse artigo tem a intenção de trazer ao debate e discutir a importância do Hip-Hop como movimento cultural ligado às periferias, e pretende assim promover a inclusão de alunos de escolas públicas, mais especificamente da escola Victor Meirelles, localizada no bairro São Pedro em Chapecó-SC. A escolha dessa escola em especial se dá por encontrar-se na periferia da cidade e porque já existe o contato entre a escola e a cultura Hip-Hop, onde ministrei algumas oficinas de graffiti durante o ano de 2022, a convite do professor de história Gustavo Henrique de Siqueira, da escola Victor Meirelles, juntamente com meu colega Marco Arteiro, aplicadas para oitavo e nono ano do ensino fundamental, com estudantes na faixa dos 13 aos 15 anos, como parte de um projeto interdisciplinar envolvendo o movimento Hip-Hop. Tal iniciativa foi fundamentada por professores de diversas áreas do conhecimento, como história, português, artes e educação física, e o objetivo dos professores era que os estudantes pudessem interligar-se interdisciplinarmente, produzindo, em conjunto com o corpo escolar,

atividades em que teriam que se conectar com variados conteúdos que estudaram durante o projeto, e primeiramente os professores trabalharam em sala de aula com temas relacionados com o Hip-hop.

Nas aulas de história estudaram a história do movimento, suas origens e raízes, enquanto nas aulas de português foi trabalhado o estilo musical rap como poesia, versos, rimas e a produção de suas próprias composições a cargo dos alunos. Já nas aulas de artes, os estudantes aprenderam sobre o graffiti como uma arte urbana moderna, suas origens e alguns estilos, como o stencil. Como parte da iniciativa dos professores, convidaram algumas pessoas para ministrar oficinas de rap e graffiti na escola. A oficina de graffiti tinha como objetivo que os estudantes observassem e colocassem em prática o que aprenderam em aula com a professora de artes, que tivessem os primeiros contatos com alguns estilos próprios do graffiti e para que conhecessem como eram as técnicas de pintura em spray. Nas aulas de artes eles já haviam desenvolvido alguns stencils com seus próprios nomes, e com ajuda dos ministrantes da oficina produziram dois quadros com a palavra *paz* e *respeito*. Na oficina de rap, os alunos tiveram contato com as batalhas de rima, que é um encontro muito importante no movimento, em que os mestres de cerimônia do rap ou MC's batalham através de rimas e versos para ver quem faz a melhor música no improviso. Eles tinham estudado sobre as poesias do rap e aprendido sobre as rimas e versos nas aulas de português, para que depois pudessem compor e, posteriormente, gravar uma música com a ajuda dos professores. A oficina de rap lhes auxiliou a entenderem como escrever e improvisar com maior facilidade para que pudessem se expressar melhor em suas letras.

Como cita Álvarez e Iglesias Da Cunha (2014), a cultura Hip-Hop apresenta princípios considerados positivos pela sociedade, como colaboração, criatividade, compreensão, expressividade, que neste caso foram preceitos trabalhados no projeto interdisciplinar na escola Victor Meirelles, em que os alunos, em colaboração com os professores e oficineiros, trabalharam de forma criativa para se expressar de acordo com os preceitos do movimento Hip-Hop. Em concordância com o que diz Vila (2002, p. 21), a música permite a localização cultural do indivíduo social, podendo assim representar e simbolizar a vivência imediata de uma identidade coletiva. Isso não acontece apenas com o rap, mas também as outras vertentes desta cultura, como o graffiti, na qual os jovens podem vivenciar esta arte visual próxima a eles, tanto nos centros como nas periferias urbanas, possibilitando uma identificação cultural com eles, diferentemente de outras artes visuais que estão longe de suas experiências, mas mesmo assim estão presentes nas aulas de artes, como é o caso das artes renascentistas. Por esse e outros motivos a cultura Hip-Hop pode e deve ser

uma ferramenta intercultural de grande utilidade para que os estudantes provenientes das periferias possam construir suas identidades culturais, permitindo que notem as diferenças culturais que os cercam e assim, promover o respeito e valorização das diferenças, como também desconstruir estigmas e violências. Nas palavras de Candau , “o intolerante odeia o diferente” (2014, p. 111) Dessa forma o Hip Hop se apresenta como uma ferramenta educativa que pode promover outros valores que diluam as diferenças e intolerâncias, principalmente, no chão da escola.

Fotografia 1 - Oficina de graffiti com 9º ano



Fonte: Gustavo Henrique da Siqueira, 2022

Um dos resultados do projeto foi a produção de uma música cantada pelos estudantes no estilo musical rap, o vídeo produzido pelos alunos está presente no *YouTube* com o nome de “São Pedro é minha vida - EBM Victor Meirelles”, fazendo referência ao bairro em que a escola está localizada, local esse, que é historicamente segregado e estigmatizado como violento por ser um dos primeiros bairros periféricos de Chapecó. Para Candau (2008, p. 13), “existe uma relação intrínseca entre educação e cultura”, e foi isso que os professores buscaram realizar com os alunos, resgatar suas bases culturais, cada um à sua maneira, como é observado na música que produziram, onde se concretiza um diálogo intercultural, na qual eles expõem suas vivências e experiências, tanto na língua portuguesa como na língua espanhola, como é o caso de de alguns alunos imigrantes hispânicos.

Carranza, Ferraz de Siqueira e Rezende Silva (2017) citam Merino (2015), quem “coloca o hip hop como potencial intervenção socioeducativa não-formal para o desenvolvimento da criatividade e do pensamento crítico na adolescência.” (MERINO, 2015, p. 59, apud CARRANZA et al., 2017). Podemos enxergar o hip-hop justamente como uma importante ferramenta de identificação cultural, em que os jovens em idade escolar se sentem pertencentes a essa cultura, desenvolvendo a criatividade e o senso crítico, fazendo assim da escola um espaço onde ideias e políticas hegemônicas são debatidas e resistidas, abrindo espaço para uma construção cultural diversa. No caso da escola Victor Meirelles, os professores após fazerem a aproximação com o hip-hop em sala de aula, chamaram oficinairos que tem um contato mais próximo como o movimento no seu cotidiano, deste modo os estudantes teriam maior afinidade na produção da música e dos pequenos murais de graffiti que foram feitos como resultado do projeto. Observamos que os estudantes tiveram um sentido de identificação ao realizarem as etapas do projeto, e analisando esse contexto, podemos compreender o hip-hop como uma ferramenta sócio-educativa potente, e por meio dele executar políticas de inserção em que são reconhecidas as diferentes maneiras de se expressar no mundo, assim como as práticas de pluralismo cultural propostas nos documentos oficiais.

Neste artigo estava prevista a intenção de realizar entrevistas com os alunos a fim de compreender como funcionaram as práticas de Hip-hop executadas na escola, mas por conta de tempo hábil para realizá-las e enviá-las ao comitê de ética da universidade não foi possível. Por se tratar também de uma escola de ensino fundamental, os estudantes que participaram do projeto em 2022 já não estudam mais nela, o que igualmente inviabilizou as entrevistas. Todavia o professor de história, Gustavo, um dos idealizadores do projeto, se disponibilizou a deixar seu relato da experiência executada na escola em que ele conta que a sua experiência com o hip-hop começou na adolescência, principalmente a partir do rock. Ele percebeu que gostava quando havia uma rima no meio do som pesado, como nas músicas de Charlie Brown Jr., Raimundos, Pavilhão 9, Planet Hemp e bandas internacionais como Linkin Park e Rage Against the Machine. Depois, começou a ouvir Racionais, Marcelo D2, RZO e Sabotage. Ao se tornar professor, ele tentou unir suas preferências musicais com o conhecimento do componente curricular de História, área em que é formado. Assim, propôs, primeiramente na EBM Victor Meirelles, a composição de versos sobre racismo e preconceito. A proposta teve boa aceitação e outros professores abraçaram a ideia. A partir daí, decidiu montar uma base para rimar e percebeu que era viável fazer com que os alunos

cantassem e gravassem as letras que haviam escrito. Optou pelo rap porque a maioria dos alunos gostava e é um estilo bastante versátil, que permite que jovens que nunca pegaram em um microfone possam fazer um som e expressar suas ideias. Em conjunto com o componente de Arte, resolveram propor a oficina de graffiti, que foi abraçada por mim, autor deste artigo, e pelo Marco Arteiro, e onde os alunos participaram ativamente. A partir da música, do graffiti e dos registros em foto e vídeo, produziram o videoclipe que está disponível no YouTube.

Com base nesses relatos podemos notar que a integração do Hip-hop na educação intercultural oferece uma rica oportunidade para o desenvolvimento de atividades que promovem a expressão artística, a reflexão crítica e o respeito às diferenças culturais.

4. Propondo ações escolares por meio do Hip-Hop perante a perspectiva intercultural

Como vimos até aqui, podemos trabalhar com diversas práticas ligadas ao Hip-Hop no contexto escolar, e mesmo que muitas dessas atividades já vem acontecendo, tal qual o caso da escola Victor Meirelles, elas ocorrem de maneira isolada, por iniciativa dos próprios professores, sendo que, dificilmente, partem da gestão ou das instituições governamentais, como percebemos nas experiências obtidas na escola pública. Nessas circunstâncias, e por conhecer as potências que há , tanto no ambiente escolar, quanto na cultura Hip-Hop, temos a intenção de propor algumas atividades através de uma perspectiva intercultural nesse âmbito.

Por estar inserido no meio educacional, principalmente nas escolas públicas, notamos que as escolas, incluindo algumas consideradas de periferia, já tem um aparato tecnológico com os quais os alunos podem fazer pesquisas e produzir conteúdos, tais como computadores e projetores na sala de aula, tablets com acesso a internet e também laboratórios maker, que é um ambiente de aprendizagem prático e colaborativo que busca fomentar a criatividade, a inovação e o protagonismo dos estudantes aliando tecnologia com metodologias ativas visando tornar o processo educativo mais envolvente e significativo. Neste contexto, quando falamos de produções influenciadas pelo Hip-Hop desde uma perspectiva intercultural, pode-se explorar uma variedade de atividades criativas que permitem aos estudantes expressar suas realidades e refletir sobre temas sociais, culturais e pessoais e dessa maneira enriquecer o currículo escolar com práticas que incluem a cultura do outro e trata as diferenças como virtudes a serem exploradas e não como problema. Sob essa perspectiva é possível compor letras de rap em sala de aula, com temas que abordem a igualdade e equidade das culturas, com assuntos que se relacionam com essa temática, tal qual o racismo, direitos humanos e

cidadania, pobreza, violência urbana e imigração, como é o caso das escolas de Chapecó onde existe uma grande afluência de alunos imigrantes. No Brasil, onde a diversidade linguística também é gigantesca, os estudantes podem produzir suas letras em sua própria língua, permitindo que se conectem com seus próprios entornos sociais e culturais, visibilizando essas culturas e fomentando o respeito por elas. Neste sentido o rap tem grande importância para a construção de uma educação intercultural, pois há uma vasta produção nacional e internacional de músicas que já debatem esses assuntos, e pode-se ser realizado uma análise crítica dessas letras e composições a partir de suas culturas de origem, entendendo como funcionam as dinâmicas das culturas estudadas, os alunos então poderiam compreender tais dinâmicas para assim compor seus primeiros versos. Essa prática não apenas permite que os estudantes expressem suas vivências e identidades, mas também promove a reflexão sobre as desigualdades sociais que permeiam suas realidades. Juntamente com a criação de letras e músicas, é possível trabalhar a produção de videocliques musicais, que correspondem a um curta-metragem audiovisual, como uma extensão natural da criação de músicas, onde os alunos trabalhem de forma conjunta, permitindo que alguns foquem na música, outras na direção e na filmagem, e outros ainda na edição e nos efeitos utilizados no clipe, estimulando a colaboração e a criatividade coletiva. Ao criar um videoclipe, os alunos têm a oportunidade de explorar e expressar suas perspectivas de forma visual, aliando à expressão sonora.

As oficinas de graffiti, como a que foi realizada na EBM Victor Meirelles, é outra proposta que pode ser integrada ao currículo, pois apresentam uma abordagem inovadora e prática para a educação artística, permitindo que explorem sua criatividade enquanto aprendem sobre uma forma de expressão cultural rica e significativa. As oficinas introduzem os estudantes às técnicas de graffiti, e também os conectam a um contexto histórico e social mais amplo, no qual essa arte urbana surge como uma forma de resistência e afirmação de identidade nas periferias. Durante as oficinas, os alunos têm a oportunidade de experimentar diferentes estilos e técnicas, como o stencil, que é uma das formas mais acessíveis e populares de graffiti. A prática do stencil, por exemplo, permite que os estudantes criem imagens e mensagens de forma rápida e impactante, promovendo a ideia de que a arte pode ser uma ferramenta poderosa para a comunicação e a expressão de ideias. Ao trabalhar com spray e outros materiais, os alunos desenvolvem habilidades motoras e uma compreensão mais profunda dos elementos visuais que compõem a arte urbana. Um aspecto fundamental nas oficinas de graffiti é a ênfase na colaboração, em que eles são incentivados a trabalhar em grupos, discutindo ideias e criando murais coletivos que refletem suas experiências e visões

de mundo, integrando diferentes perspectivas em um projeto comum. Através do graffiti, pode-se abordar temas como identidade, pertencimento, desigualdade e resistência, transformando suas vivências em mensagens visuais que podem impactar a comunidade ao seu redor. Como no nosso caso, as oficinas podem incluir a participação de artistas locais e grafiteiros experientes, que trazem suas vivências e conhecimentos para o ambiente escolar. Essa interação enriquece a experiência dos alunos, e da mesma forma os vincula a uma rede mais ampla de artistas-ativistas que utilizam o graffiti como forma de expressão e mudança social. A presença de profissionais que já trabalham com o Hip-hop pode inspirá-los a ver os elementos que o compõem, não apenas como uma forma de arte, mas como um meio de engajamento e ativismo. Ao final das oficinas, os murais criados pelos alunos podem ser exibidos na escola ou em espaços públicos, permitindo que suas vozes e visões sejam vistas e apreciadas pela comunidade. Essa visibilidade é importantíssima, pois além de validar o trabalho, contribui para a desestigmatização do graffiti, transformando-o em uma forma de arte legítima e significativa, promovendo a inclusão, a expressão cultural e a conscientização social, transformando a escola em um espaço vibrante de criatividade.

Aliada a todas essas produções podemos ter um canal no YouTube, apresentando as músicas e os cliques produzidos, como a intitulada “São Pedro é minha vida - EBM Victor Meirelles”. Essa plataforma permite que os estudantes mostrem seu trabalho, e serve como um meio de visibilidade para suas histórias. Através do vídeo, podem compartilhar suas experiências e refletir sobre o bairro em que vivem e as realidades que enfrentam. O canal pode ser utilizado para documentar o processo criativo, mostrando os bastidores das oficinas de graffiti e rap. Isso valoriza o trabalho dos alunos e auxilia como um recurso educacional para outras escolas ou grupos interessados em implementar projetos semelhantes. A criação de tutoriais ou vídeos explicativos sobre técnicas de graffiti ou composição musical pode ser uma maneira de compartilhar conhecimento e inspirar outros jovens a se envolverem com a cultura Hip-hop.

O YouTube oferece uma forma interativa de engajamento, o que dá lugar para produzirem também podcasts, oferecendo um espaço para discussões mais profundas sobre os temas abordados nas músicas e nas oficinas. Os estudantes desta maneira podem participar como apresentadores e convidados, discutindo suas experiências, desafios e aprendizados. Essa plataforma permite que eles explorem questões de forma mais detalhada, promovendo um diálogo sobre a importância da cultura Hip-Hop na construção de identidades e na promoção da inclusão social. Os episódios do podcast podem incluir entrevistas com artistas

locais, educadores e especialistas em cultura urbana, proporcionando uma visão mais ampla sobre o impacto do Hip-hop na sociedade. Da mesma forma, podem discutir-se temas relevantes para a sociedade, como racismo, direitos humanos, cidadania e a realidade das periferias, criando um espaço para a reflexão crítica e o debate.

Promover debates e discussões sobre temas relacionados ao Hip-hop e à cultura é essencial para fomentar um ambiente de aprendizado crítico e inclusivo. Esses espaços de diálogo permitem que todos na escola compartilhem suas opiniões, experiências e reflexões sobre questões sociais, culturais e políticas que afetam suas vidas e comunidades. Ao discutir temas como racismo, desigualdade social, violência e identidade, os estudantes têm a oportunidade de confrontar preconceitos e estereótipos, desenvolvendo uma consciência crítica sobre as realidades que os cercam. Esses debates podem ser estruturados de diversas maneiras, como rodas de conversa, mesas-redondas ou até fóruns abertos, onde todos os estudantes são incentivados a participar ativamente. A mediação de nós, professores, nesse caso, é fundamental para garantir que todos mostrem suas vozes e que as discussões sejam respeitadas e construtivas. Além disso, a utilização dos elementos da cultura hip-hop como ponto de partida para as discussões pode tornar o processo mais dinâmico e envolvente. Ao ouvir e respeitar as histórias e perspectivas uns dos outros, os estudantes aprendem a valorizar a diversidade cultural e a desenvolver empatia pelo Outro. Como mencionado por Candau (2014, p. 111) anteriormente, “o intolerante odeia o diferente”, portanto, é crucial que a escola se torne um espaço de diálogo e compreensão, onde as diferenças não são apenas aceitas, mas celebradas.

Discussões como essas podem ser uma oportunidade para os alunos se engajarem em ações sociais e comunitárias. Ao refletirem sobre as questões discutidas, eles podem ser incentivados a desenvolver projetos que visem promover a inclusão e a justiça social em suas comunidades. Essa conexão entre teoria e prática é essencial para que os alunos se sintam empoderados e capazes de fazer a diferença em suas realidades. Criar um ambiente onde o diálogo é valorizado torna a escola um espaço de aprendizado contínuo, onde os alunos não apenas adquirem conhecimento, mas também desenvolvem habilidades essenciais para a vida em sociedade, como a escuta ativa, o respeito mútuo e a capacidade de argumentação. Dessa forma, os debates e discussões sobre hip-hop e cultura enriquecem a experiência educacional, e também contribuem para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Tais atividades podem ser executadas de maneira gradativa, aproveitando-se do decorrer do ano letivo inteiro para tal, trabalhando parte por parte de maneira ordenada. Vale

lembrar que essas são apenas algumas das inúmeras propostas que podem ser executadas no chão da escola quando falamos de Hip-hop e educação intercultural.

5. Conclusão

Para concluir, a proposta de inclusão escolar através do Hip-hop, conforme discutido neste artigo, revela-se uma abordagem inovadora e necessária para a promoção da diversidade cultural e da equidade no ambiente educacional. O Hip-hop, como um movimento cultural enraizado nas experiências de comunidades periféricas, oferece uma plataforma rica para a expressão criativa e a reflexão crítica, permitindo que os alunos se conectem com suas identidades e realidades sociais. Ao integrar as práticas do Hip-Hop no currículo escolar, é possível desconstruir visões culturais etnocêntricas, valorizando a pluralidade de vozes e experiências presentes na sala de aula. Essa prática enriquece o aprendizado e fomenta um ambiente de respeito e diálogo, onde todos os alunos se sentem representados e valorizados. Além disso, o Hip-Hop se apresenta como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento de uma consciência social crítica, capacitando os jovens a se tornarem agentes transformadores de suas próprias realidades.

No presente artigo fizemos uma revisão de alguns artigos que nortearam os principais assuntos relacionados ao trabalho de pesquisa, principalmente pela necessidade da explicação de alguns conceitos importantes para o trabalho, tais como o Hip-hop e suas práticas, o multiculturalismo, a interculturalidade e o etnocentrismo. Para isso foram usados os seguintes artigos como base do artigo: O hip hop como pedagogia das juventudes: Encontro possível entre o multiculturalismo crítico, a pedagogia social e a educação popular (2017), Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas (2013). No primeiro artigo mencionado acima, os autores fazem um paralelo entre as práticas realizadas no movimento Hip-hop e como tal movimento poderia ser usado como uma pedagogia voltada à juventude brasileira. Para isso, os autores abordam as pedagogias sociais desenvolvidas por Paulo Freire e como os crescentes estudos voltados ao Hip-hop podem contribuir para o encontro entre essas duas áreas do conhecimento. Os artigos nos mostram como a expressão juvenil é entendida como um lugar de construção identitária dos jovens, podendo assim ser transformada em processos pedagógicos críticos e abordam os conceitos de interculturalidade e quais são suas perspectivas pedagógicas, falando de todos os atores no âmbito escolar, o papel da gestão e o papel do professor em tais práticas.

Portanto, a implementação de atividades relacionadas ao Hip-Hop nas escolas não deve ser vista apenas como uma inovação pedagógica, mas como um compromisso com a

construção de uma educação mais inclusiva e intercultural. Ao reconhecer e celebrar a diversidade cultural, as escolas podem contribuir significativamente para a formação de cidadãos críticos e conscientes, preparados para enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais plural e interconectado. Assim, o Hip-hop se consolida como uma forma de arte, cultura e como um instrumento vital para a transformação social e educacional.

Referências

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart, “Préfacio – Apresentando Spivak”, IN: SPIVAK, Gayatri Chakravorty, *Pode o Subalterno falar?*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018

CARRANZA, Valentina; FERRAZ DE SIQUEIRA, Vera Helena; REZENDE SILVA, Marcell. El hip hop como pedagogía de las juventudes: Encuentro posible entre multiculturalismo crítico, pedagogía social y educación popular. *Revista Iberoamericana de Educación*, [S. l.], v. 75, p. 45–68, 2017. DOI: 10.35362/rie7501235. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/1235>. Acesso em: 21 jul. 2024.

CANDAU, V. M. F. Cotidiano escolar e práticas interculturais. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 802–820, 2016. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/3455>. Acesso em: 13 out. 2024.

CANDAU, Vera Maria (Org.). *Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. *Educação & Sociedade*, v. 33, n. 118, p. 235-250, 2012.

CANDAU, Vera M.; PAULO, Iliana; ANDRADE, Marcelo; et al. *Educação em direitos humanos e formação de professores(as)*. (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos). [Digite o Local da Editora]: Cortez, 2014. E-book. ISBN 9788524922473. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788524922473/>. Acesso em: 06 jun. 2024.

FARIA, Priscilla Prado de. *RAP, educação e a filosofia de Paulo Freire: uma análise das contribuições do grupo Racionais MC's*. [s.l.]: [s.n.], 2017. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

MATTA, Roberto da. *Você tem cultura?*. *Jornal da Embratel*, Rio de Janeiro. p. 1 - 4. 1981.

MOASSAB, Andreia. Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do Hip-Hop. 2008. 295 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MOREIRA, Flavio. CANDAU, Vera (Orgs.). Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

RIBEIRO, William de Goes. Currículo e hiphopologia: o que pensam pesquisadores brasileiros sobre Hip Hop na escola?. *Conhecimento & Diversidade*, [S.l.], v. 8, n. 15, p. 72-83, jun. 2016. ISSN 2237-8049. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/2237-8049-2016.7>. Acesso em: 30 out. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.18316/2237-8049-2016.7>.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. O que é etnocentrismo. 6.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. 86 p.

RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, A.; IGLESIAS DA CUNHA, L. La «cultura hip hop»: revisión de sus posibilidades como herramienta educativa. *Teoría de la Educación. Revista Interuniversitaria*, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 163–182, 2014. DOI: 10.14201/teoredu2014261163182. Disponível em: <https://revistas.usal.es/tres/index.php/1130-3743/article/view/teoredu2014261163182>. Acesso em: 12 ago. 2024.

SIQUEIRA, Gustavo Henrique de. São Pedro é minha vida - EBM Victor Meirelles. YouTube, 4 de nov. de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QF9TXLmBNk8&ab_channel=GustavoHenriquedeSiqueira

VILA, Pablo. Música e identidade. La capacidad interpeladora y narrativa de los sonidos. En: *Cuadernos de nación. Tomo: Músicas en transición*. Ministerio de Cultura. Bogotá, abril de 2002.

RESUMEN:

El Hip-Hop es un movimiento sociocultural que posee una fuerte representatividad histórica, especialmente entre la población periférica y de clases bajas, que a menudo se enfrenta a los desafíos impuestos por las políticas culturales hegemónicas. En este contexto, el hip-hop se destaca como una herramienta poderosa para deconstruir visiones culturales etnocéntricas, principalmente en el ambiente escolar. La práctica de este movimiento en las escuelas puede ser una forma eficaz de promover la identificación cultural entre los jóvenes, permitiéndoles comprender, resistir y rebatir las ideas y políticas dominantes. El movimiento Hip-Hop ofrece un espacio donde los estudiantes puedan expresarse de muchas maneras, como a través de la música, el baile y el graffiti, contribuyendo a la construcción de un diálogo cultural significativo. Este enfoque no solo reconoce la diversidad de expresiones culturales, sino que también promueve la inclusión y la interculturalidad, aspectos fundamentales para la formación de ciudadanos críticos y conscientes. Así pues, el Hip-Hop se convierte en un instrumento educativo que permite a los jóvenes convertirse en agentes transformadores de su propia formación. El proyecto en cuestión tiene como objetivo analizar y comprender las prácticas culturales relacionadas con el Hip-Hop que ya se están realizando en la ciudad de Chapecó, además de proponer nuevas actividades que puedan ser implementadas en las escuelas. La propuesta es valorizar las diferencias culturales y promover un ambiente escolar más inclusivo, donde todos los alumnos puedan sentirse representados y valorados. En resumen, el hip-hop no es solo una forma de arte, sino una poderosa herramienta de inclusión y transformación social, capaz de enriquecer la experiencia educativa y promover un ambiente de respeto y diversidad en las escuelas. Con esta práctica, es posible construir un espacio donde se celebra la pluralidad cultural y donde los jóvenes pueden desarrollarse plenamente como individuos y ciudadanos.

PALABRAS-CLAVE: Hip-hop; escuelas públicas; interculturalidad; inclusión